

Jacques Fontanille

Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização*

Maria Goreti Silva Prado**

1. Imanência e pertinência

No artigo “Práticas Semióticas — imanência e pertinência, eficiência e otimização”¹, de Jacques Fontanille² (2008), o autor apresenta o percurso gerativo do plano da expressão, dividido em seis níveis de pertinência, sendo que cada nível subdivide-se em: *tipo de experiência*, *instância formal* e *instância material*. Nesse percurso, o princípio da imanência, ao mesmo tempo em que é respeitado, é também transposto, pois a significação de um nível não se restringe ao próprio nível, ela transcende aos níveis superiores, ou seja, os elementos sensíveis e materiais de um nível inferior só adquirem significação quando integrados à instância formal do nível superior. Esse modelo gerativo do plano da expressão foi apresentado, pela primeira vez, em maio de 2004, na Universidade de Paris VIII e, no Brasil, em agosto de 2005, na Unisinos, durante um curso ministrado pelo Prof. Jacques Fontanille no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC).

A semiótica, em um primeiro momento³, trabalha apenas com o plano do conteúdo. O plano da expressão só será trabalhado se produzir algum sentido que possa ser relacionado ao plano do conteúdo, o que resulta numa relação entre categorias do plano do conteúdo e categorias do plano da expressão, produzindo

um efeito sensorial associado ao plano do conteúdo e criando o que Greimas denominou *semissímbolismo*. Para ilustrar, podemos citar a oposição entre fonemas agudos, como o /i/, e graves, como o /a/, que em um texto podem construir uma imagem sensorial da morte e da vida, ou da dor e do prazer etc. É diferente da representação simbólica em que um elemento concreto representa um elemento abstrato, como é o caso da balança, símbolo da justiça. A semiótica francesa nasce sob o princípio da imanência, que se focou no nível textual, ou seja, para a semiótica francesa, a significação é interna ao texto, havendo, portanto, uma delimitação no seu campo de investigação. Segundo o *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p. 255), “imanência” é:

1 – A autonomia da linguística — justificável pela especificidade de seu objeto, afirmada com insistência por Saussure — foi retomada por Hjelmslev sob a forma do princípio de imanência: sendo a forma (ou a língua no sentido saussuriano) o objeto da linguística, qualquer recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição.

* Resenha do artigo: Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz; Jean Cristtus Portela (org.), *Semiótica e mídia — textos, práticas, estratégias*, São Paulo, UNESP/FAAC, 2008, p. 15-74.

** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara (UNESP). Endereço para correspondência: (dindi_sp@yahoo.com.br).

¹ Traduzido por Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Adriane Ribeiro Andaló Tenuda, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes, Jean Cristtus Portella e Matheus Nogueira Schwartzmann, do original: *Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation*, publicado originalmente na revista *Nouveaux Actes Sémiotiques*, nº 104, 105 e 106 (*Pulim*, Limoges, 2006).

² Jacques Fontanille nasceu em Limoges, França. Atualmente, é presidente e professor da Université de Limoges, presidente honorário da Association Internationale de Sémiotique Visuelle e da Association Française de Sémiotique, titular da cadeira de semiótica no Institut Universitaire de France, vice-presidente da Conférence des Présidents d’Université (2008-2010). Em sua formação, consta o diploma universitário em Lettres Modernes, Doctorat de 3ème cycle (EHESS) e Doctorat d’Etat en Sémiotique (Paris IV — Sorbonne).

³ Em entrevista concedida a Jean Cristtus Portela, publicada na Revista *Alfa*, n 50, v. 1, Unesp, 2006, p. 159-186, Fontanille declara que, lendo *Sémantique structurale: recherche de méthode* (1966) e *Maupassant: la sémiotique du text — exercices pratiques* (1976), descobre a semiótica, um projeto de ciência recém-formulado por Algirdas Julien Greimas; e, ao frequentar os seminários de Greimas, percebe que a semântica estrutural aplicada ao texto era uma teoria geral da significação. No final dos anos 80, depois de estabelecida a teoria das modalidades, que representou a transição da semiótica narrativa para a discursiva, começam os seminários sobre as paixões. Nesse momento, nasce o germe da semiótica que se faz hoje. Foram dois anos de seminários consagrados às paixões e é a partir das anotações dessas reuniões que nasce o livro *Sémiotique des passions*, escrito por Greimas e Fontanille, publicado em 1991.

Essa restrição textual foi muito importante para a teoria, pois permitiu um enriquecimento teórico global. Sem o princípio da imanência, não haveria a teoria narrativa, nem a teoria das paixões, nem a semiótica do sensível.

Mas, já há algum tempo, a semiótica vem ultrapassando os limites textuais e interessando-se por outros domínios. Constatamos esse fato nos estudos desenvolvidos por Jean-Marie Floch, no âmbito da semiótica plástica, ou por Eric Landowski, com sua sociosemiótica, entre outros. Segundo Fontanille, é preciso fixar novos limites para o objeto de que essa ciência se ocupa para dar conta da necessidade de ir além do texto e ao mesmo tempo respeitar o princípio da imanência. Essa mudança de dimensão no nível de pertinência já ocorreu quando da passagem do estudo dos signos ao do texto, o que significou uma mudança na natureza do objeto semiótico.

Definir um nível de pertinência é decidir sobre a natureza do conjunto expressivo que se vai levar em consideração. No *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p. 369), encontramos a seguinte definição para “pertinência”:

1 – O conceito de pertinência impôs-se na linguística graças à Escola de Praga, ligado como está aos desenvolvimentos da fonologia. Designa, de início, a propriedade de um elemento linguístico (o fonema), a qual o distingue dos outros elementos comparáveis e o torna apto, por isso mesmo, a servir à comunicação (A. Martinet). Essa característica é, então, denominada traço pertinente (= fema).

4 – Num sentido menos rigoroso, mas didaticamente aceitável, entende-se por pertinência a regra deôntica, que o semioticista adota, de descrever o objeto escolhido de um só ponto de vista (R. Barthes), retendo, por consequência, com vistas à descrição, apenas os traços que interessam a esse ponto de vista (que, para o semioticista, é o da significação). É de acordo com esse princípio que se fará, por exemplo, numa primeira abordagem, quer a extração (a partir de um *corpus* determinado) de elementos considerados pertinentes para a análise, quer, ao contrário, a eliminação do que é julgado não pertinente.

Para Fontanille, ao redefinir seu objeto, a semiótica estrutura-se hierarquicamente em níveis de imanência e pertinência, ou seja, organiza-se em instâncias formais para especificar o que é uma cultura do ponto de vista semiótico e, em instâncias materiais, para detalhar os elementos pertinentes a cada nível. A partir da integração dos diferentes níveis, novos limites de imanência serão estabelecidos. Essa estruturação

apresenta-se como uma descrição da estrutura da semiótica da cultura.

Temos três grandes correntes teóricas em semiótica: (i) semiótica de origem americana, criada por Charles Sanders Peirce (1839-1914); (ii) semiótica de origem francesa, iniciada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992) e (iii) semiótica da cultura, que se desenvolveu a partir de um grupo conhecido como Escola de Tartu-Moscou, cujo principal nome é Iuri Lótman (1922-1993) — essa corrente teórica entende a linguagem como um elo que une as diferentes formas de vida encontradas nas relações cotidianas, como a dança, o teatro, a moda etc. Seu princípio de base é a *semiosfera*, ou seja, o campo cultural de determinada sociedade no qual seus indivíduos experienciam a significação. É partindo desse princípio que Fontanille elabora os níveis de pertinência do plano da expressão.

O percurso gerativo do plano de expressão da semiótica das culturas apresenta, portanto, seis níveis de pertinência (ver Tabela 1, na página seguinte). Essa estruturação em seis planos de imanência e de pertinência diferentes apresenta-se como uma descrição da estrutura da semiótica das culturas. Cada nível de pertinência está associado a um tipo de experiência. Assim, a experiência da figuratividade, ou seja, a experiência perceptiva e sensorial conduz às figuras, a interpretação conduz aos textos-enunciados, a corporeidade conduz ao objeto, as experiências práticas conduzem às cenas predicativas, as conjunturas conduzem às estratégias e as experiências relacionadas ao *éthos* e ao comportamento conduzem às formas de vida. O tipo de experiência do nível inferior delimita a extensão da experiência do nível superior.

Além de conter um tipo de experiência, cada nível divide-se em instâncias formais e materiais. Os elementos sensíveis e materiais de um nível inferior constituem a instância formal do nível superior, isto é, as propriedades sensíveis e materiais das figuras só são pertinentes quando integradas ao texto-enunciado, portanto, quando são apreendidas sob a forma material textual e interpretadas, e assim com os demais níveis.

A cada passagem ao nível superior, acrescenta-se uma nova dimensão ao plano da expressão. Do signo ao texto-enunciado, acrescentam-se uma dimensão “tabular” (impressa) e a superfície de inscrição. Do texto-enunciado ao objeto, acrescenta-se a dimensão da espessura. Do texto-enunciado e do objeto à prática, acrescentam-se a dimensão do espaço de uma cena e todas as suas propriedades temporais (principalmente de aspecto e ritmo). Na passagem da cena predicativa à estratégia, ocorre um ajustamento no espaço e no tempo a outras práticas que interagem entre si. Na passagem das estratégias às formas de vida, ocorre um ajustamento das estratégias.

Esses níveis podem ser analisados isoladamente, por meio de uma análise do tipo distribucional, denominada *detalhamento*. Nesse caso, os elementos recebem uma forma a partir de seu confronto com os elementos de seu próprio nível. Os níveis também podem ser

analisados em conjunto, ou seja, na integração de um nível em outro; caso em que o nível ganha um sentido de sua participação em níveis superiores. Tal tipo de análise é denominado *realçamento*.

Tipo de experiência	Instâncias formais	Instâncias Materiais
figuratividade	figuras-signos	Propriedades sensíveis e materiais das figuras
interpretação	↓ textos-enunciados	↓ Propriedades sensíveis e materiais dos textos
corporeidade	↓ objetos	↓ Propriedades sensíveis e materiais dos objetos
prática	↓ cenos predicativas	↓ Propriedades sensíveis e materiais das cenos
conjuntura	↓ estratégias	↓ Propriedades sensíveis e materiais das estratégias
éthos e comportamento	↓ formas de vida	↓ Propriedades sensíveis e materiais das formas de vida

Tabela 1
Percurso gerativo do plano da expressão

A integração canônica desse percurso será definida como integração ascendente (no sentido das figuras-signos para as formas de vida) e descendente (no sentido das formas de vida para as figuras-signos). A integração descendente apresenta-se como uma condensação, devido à perda de algumas propriedades; a integração ascendente produz um desdobramento devido ao aumento do número de dimensões. Podem acontecer movimentos irregulares entre os níveis denominados síncope ascendentes ou descendentes. A condensação e o desdobramento são movimentos graduais de integração descendente e ascendente, respectivamente.

Para definir o movimento existente entre os níveis, Fontanille baseia-se no princípio de integração já definido por Benveniste no artigo “Os níveis da análise linguística”, inserido em seu livro *Problemas de linguística geral I* (1976, p. 127-140). O autor emprega esse princípio no domínio das línguas verbais. A análise consiste nas operações de segmentação e substituição. O nível inferior, dos traços distintivos (ou merismas), apenas integra uma unidade maior, a do fonema. O nível fonemático pratica as duas operações: tanto se divide em constituintes — os merismas —, como integra uma unidade maior — a palavra. Esta tanto

se decompõe em fonemas como integra a frase. A frase segmenta-se em palavras, mas não integra uma unidade maior.

A transição de um nível para o outro admite dois tipos de relação: entre elementos do mesmo nível (distribucionais — segmentação em constituintes) e entre elementos de níveis diferentes (integrativas). Os elementos constituintes são pertinentes em seu próprio nível; os elementos integrantes o são no nível superior. Afirma Benveniste:

A forma de uma unidade linguística define-se como sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido de uma unidade linguística define-se como sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior (1976, p. 135-136).

Com essa análise, Benveniste distingue dois universos para a linguística: da língua como sistema de signos e da língua como instrumento de comunicação.

Fontanille, ao elaborar o percurso gerativo do plano da expressão, transcende o limite textual. Ao incorporar as propriedades sensíveis e materiais do nível inferior ao nível superior, ele acrescenta novas dimensões ao plano da expressão, alargando o campo de

investigação da semiótica, que, além do texto, agora trabalha com objetos, práticas, estratégias e formas de vida. Em seu artigo ele diz:

Se é verdade, como diz Hjelmslev, que os dados do linguista apresentam-se como sendo os do “texto”, isso não é mais uma verdade para o semioticista, que trabalha também com “objetos”, com “práticas” ou com “formas de vida” que estruturam áreas inteiras da cultura (Fontanille, 2008, p. 17).

No artigo, além de abordar os níveis de pertinência do plano da expressão, o semioticista dá especial atenção às práticas semióticas, pois entende que elas comportam todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação. O nível das cenas predicativas é obtido graças à conversão de uma experiência prática em uma expressão semiótica. A instância formal das “cenas predicativas”, que tem como nível de experiência a prática, pode ser convertida em um ou vários processos (um ou vários predicados) representados pelo texto ou por uma imagem, pelo suporte, pelo entorno, pelo passante, pelo usuário ou pelo observador, enfim, por tudo aquilo que constitui a cena de uma prática. A escolha pelas práticas na economia geral da semiótica tem como resultado a modificação do estatuto da descrição e da explicação semiótica, pois torna a própria análise uma prática interpretativa.

2. Eficiência e otimização

Otimização consiste em tornar uma análise mais simples e ao mesmo tempo mais clara e apropriada ao objeto estudado. No *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p. 355), umas das acepções do verbete “otimização” é:

1 – Otimização é a aplicação, aos procedimentos sintagmáticos, do princípio de simplicidade. Ela pode manifestar-se em diferentes níveis de análise: consistirá, por exemplo, na redução do número de operações exigidas por um procedimento de análise (implicando algumas vezes, por isso mesmo, a escolha deste ou daquele modelo); aparecerá também no momento da seleção do sistema de representação metassemiótica (árvore, parentetização etc.), considerado como o mais apropriado ao objeto da análise, e assim por diante.

A prática semiótica consiste em reconstruir a significação numa metalinguagem própria, isto é,

[...] os sistemas semióticos, verdadeiros *códigos* culturais são transcódificáveis: eles se deixam traduzir, com maior ou menor grau de adequação, uns em outros. O sistema linguístico traduzido chama-se *língua-objeto*; a

língua tradutora de uma língua-objeto chama-se *metalingua* (Lopes, 1981, p. 18).

Essa definição permite definir a prática semiótica como tradução metalinguística da significação imanente. A explicação semiótica, porém, mudou seu estatuto várias vezes. A primeira concepção da reflexão epistemológica caracteriza-se pelo princípio da recursividade ilimitada (proliferação virtual dos níveis de metalinguagem); com o desenvolvimento da semiótica do discurso, a relação entre níveis metassemióticos (da primeira concepção) foi implicitamente repensada e transformada graças à noção de “intertextualidade” (ou “interdiscursividade”). No discurso epistemológico, a descrição semiótica parece ser um intertexto, pois menciona, cita, comenta e reformula o texto original, portanto, a segunda concepção trata do limite crítico do princípio de reflexividade tautológica. A terceira concepção, proposta por Fontanille, é a da transitividade integrativa, pois, se o nível da prática foi eleito por ele o nível da economia geral da semiótica, a delimitação e a definição de imanência inviabilizam os princípios da recursividade e da reflexividade.

A eficiência das práticas é o que faz delas práticas bem sucedidas. Para “eficiência”, o *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008) não traz nenhuma entrada; ele somente trata da “eficácia” que, pela proximidade de sentido, poderá nos ajudar a entender melhor o conceito de “eficiência”. Portanto, segundo o dicionário anteriormente citado (2008, p. 156):

1 – Em seu emprego corrente, eficácia é a capacidade de produzir um máximo de resultados com um mínimo de esforço (Petit Robert). Uma teoria semiótica, e os modelos que ela permite construir, são ditos eficazes quando, obedecendo aos princípios de simplicidade e de economia, são ao mesmo tempo projetivos, pelo que possibilitam prever e explicar grande número de fatos.

A eficiência implica uma dimensão interpretativa e a integração parcial de um nível estratégico em toda prática. Está ligada à organização sintagmática, aspectual e rítmica da prática, as quais facilitam a interpretação. Segundo Fontanille, para ser operatória, a organização sintagmática deve ser desdobrada em níveis de modalizações combináveis; “a identidade modal dos actantes pode ser caracterizada pelo número de modalidades que a define e pela natureza das combinações que ela contrai” (2007, p. 178). Ele propõe a seguinte tipologia, conforme quadro abaixo:

- A práxis (regulada pelo poder).
- O procedimento (manifestação de um saber).
- A conduta (regida por um querer).
- O protocolo (implica um dever).

- O ritual (supõe um crer específico partilhado por todos os participantes).

Segundo Fontanille, para ser operatória, a distribuição mencionada anteriormente deve ser complementada pela introdução de um princípio metodológico que consiste em desdobrar os níveis de modalizações combináveis; “a identidade modal dos actantes pode ser caracterizada pelo número de modalidades que a define e pela natureza das combinações que ela contrai” (2007, p. 178). Por isso, ele propõe uma tipologia tal como apresentada na Tabela 2.

Mas mesmo essa tipologia não é suficiente para dar conta do conjunto de combinações possíveis, pois, na prática em ato, ocorrem confrontações e ajustamentos que permitem passar de um tipo modal a outro, de uma combinação modal a outra, de uma forma aspectual a outra. O que distingue a forma semiótica das práticas da forma semiótica dos textos-enunciados e dos signos é o processo adaptativo estratégico da semiose em ato.

A sintaxe da prática é uma sintaxe de confrontação e adaptação que implica uma sequência de resoluções, de formalizações significantes a partir de uma situação inicial de falta de sentido, e essa sequência terá a seguinte forma canônica:

falta de sentido - esquematização - regulação - adaptação

A esquematização é o momento em que uma situação-ocorrência problemática é comparada a uma situação-tipo, cuja solução conhecemos ou é reorganizada por autoadaptação. A regulação é o momento em que a solução (a forma eficiente) é projetada sobre a ocorrência. Por fim, a adaptação é a formalização estratégica do percurso da prática. A prática tem, então, a forma sintagmática de uma “cena de resolução” do ponto de vista discursivo e de uma “prova” do ponto de vista narrativo.

Nível M 0	- o -	Não modalizado
Nível M 1	poder	Práxis
Nível M 2	poder + saber	Procedimento
Nível M 3a	poder + saber + querer	Conduta
Nível M 3b	poder + saber + dever	Protocolo
Nível M 4a	poder + saber + querer + crer	Ritual autônomo
Nível M 4b	poder + saber + dever + crer	Ritual heterônomo

Tabela 2
Tipologia das modalizações combináveis

Segundo Fontanille (2008, p. 51), cada um dos principais “regimes sintagmáticos” da prática é caracterizado por um modo de regulação próprio:

1. Práxis (poder): a regulação atua sobre os encadeamentos entre as etapas.
2. Procedimento (saber): a regulação baseia-se numa programação prévia das fases e de sua sucessão.
3. Conduta (querer): a esquematização atua por iconização autoadaptativa e a regulação consiste em uma manifestação figurativa das motivações.
4. Protocolo (dever): a esquematização é a cristalização dos papéis e das etapas e a regulação, uma projeção imediata desses papéis sobre a imprevisibilidade do percurso.
5. Ritual (crer): a regulação baseia-se no ritmo e na gestão temporal da sequência.

A eficiência depende de uma maior ou menor adaptação à programação e ao ajustamento das práticas entre si. Programação e ajustamento são duas direções: a primeira de valência extensiva (heteroadaptativa) e a segunda de valência intensiva (autoadaptativa), cujos movimentos são graduais. Se, de um lado, uma prática submete-se a uma programação externa, por outro, ela constrói-se por ajustamentos progressivos.

O impacto e a ênfase da intensidade pertencem à valência de ajustamento e de abertura, enquanto a temporalidade e a espacialidade pertencem à valência da programação e do fechamento; é a tensão entre essas duas valências que determina um aspecto mais aberto ou mais fechado das práticas. Porém, cada prática procura sua própria significação. Segundo o autor, não devemos ficar circunscritos na oposição autoadaptativa e heteroadaptativa; devemos considerar um modelo mais dinâmico que, devido às tensões e equilíbrios variáveis entre as duas valências, faz surgir novos tipos de práticas.

O percurso proposto por Fontanille, como ele mesmo admite, ainda não está suficientemente claro, mas mostra uma continuidade em relação ao pensamento de Greimas, (1) por apresentar um caráter gerativo, ou seja, ser estruturado em níveis, o que não só permite a passagem de um nível ao outro, como também a cada passagem se verifica um acréscimo na dimensão e uma mudança na natureza do objeto semiótico; e (2) por permitir análises isoladas no interior dos níveis ou em conjunto com outros níveis, como acontece com o percurso do plano do conteúdo.

Com as práticas semióticas, o princípio de imanência textual que delimitou o campo de atuação da semiótica desde seu nascimento foi ultrapassado, pois redefinem-se a natureza e a dimensão das semióticas-objeto.

Por fim, fazemos uso de algumas palavras de Fontanille:

Vou encerrar com alguns votos. O primeiro: longa e fecunda vida à semiótica da presença, seja de Coquet, de Landowski, de Fontanille ou de qualquer outro! Ao que parece, ela tem dias luminosos pela frente. O segundo: que nos seja enfim possível formular a questão crucial da semiose em ato, e seus corolários,

sem ter de tomar uma posição em favor dos antigos ou dos modernos, do objetual ou do subjetal, em favor do isso já foi provado na prática ou do isso acaba de ser proposto! Parece que o tempo dos epígonos (de uns e de outros) ficou para trás, e que chegou o das hibridações fecundas (1998, p. 150).

Mesmo que os estudiosos acima citados discordem em alguns ou vários pontos, essas divergências são benéficas à ciência, que evolui por meio dos ajustamentos entre as partes. ●

Referências

- Benveniste, Émile
1976. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiz Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Fontanille, Jacques
1998. Resenha de: Landowski, Eric. *Présences de l'autre. Essais de socio-sémiotique II*. Paris: PUF, 1997. In: *Nexos – Revista de Estudos de Comunicação e Educação da Universidade Anhebi Morumbi*, Ano II, São Paulo, n. 3, p. 145-150, Agosto.
- Fontanille, Jacques
2007. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques
2008. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Vis-sotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.) *Semiótica e mídia – textos, práticas, estratégias*. São Paulo: Unesp/Faac, p. 15-74.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dimas Lima et alii. São Paulo: Contexto.
- Lopes, Edward
1981. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.

Como citar este artigo

Prado, Maria Goreti Silva. Jacques Fontanille, Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.). *Semiótica e mídia - textos, práticas, estratégias*. São Paulo: UNESP/FAAC, 2008.. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 107-113. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 26/11/2009

Data de sua aprovação: 01/04/2010
